

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM E FORMAÇÃO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

THE IMPORTANCE OF PLAYFULNESS IN THE CHILD'S LEARNING AND EDUCATION PROCESS IN EARLY CHILDREN'S EDUCATION

Katianne Jamília Oliveira Nunes¹

Francisca Alynne Ribeiro Rolim²

Izabel Serejo Lima³

RESUMO: Este artigo tem como finalidade discorrer sobre a importância do lúdico na Educação Infantil, mas especificamente, sobre as atividades lúdicas no processo de ensino-aprendizagem e formação do educando. A aprendizagem é vista como um processo de adaptação, acomodação mudança de comportamento e de estruturas cognitivas. É na situação de liberdade, de brincadeira que as crianças podem suplantar desafios para além de seu comportamento diário, levantando hipóteses na tentativa de compreender os problemas que lhes são propostos pelas pessoas e pela realidade a qual interagem. Dessa forma, tem-se como objetivo ressaltar o trabalho com o lúdico de forma a verificar a criança no seu desenvolvimento cognitivo. Trata-se de um estudo bibliográfico descritivo com base em Moyles (2006), Vygotsky (1991) e outros estudiosos que tratam do assunto, ou seja, sobre como acontece este processo e qual influência que a brincadeira pode exercer sobre ele. Como resultado da pesquisa foi percebido que as atividades lúdicas são fundamentais para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança. Isto significa que as instituições educativas devem utilizar-se desses instrumentos em sua prática pedagógica.

650

Palavras-chave: Conhecimentos Lúdicos. Desenvolvimento. Prática Pedagógica.

ABSTRACT: The purpose of this article is to discuss the importance of playfulness in Early Childhood Education, but specifically, on playful activities in the teaching-learning process and student training. Learning is seen as a process of adaptation, accommodation, change in behavior and cognitive structures. It is in the situation of freedom, of play that children can overcome challenges beyond their daily behavior, raising hypotheses in an attempt to understand the problems proposed to them by people and the reality with which they interact. Thus, the objective is to emphasize the work with the ludic in order to verify the child in his cognitive development. This is a descriptive bibliographical study based on Moyles (2006), Vygotsky (1991) and other scholars who deal with the subject, that is, on how this process happens and what influence play can have on it. As a result of the research, it was noticed that playful activities are fundamental for the development and learning of the child. This means that educational institutions must use these instruments in their pedagogical practice.

Keywords: Ludic Knowledge. Development. Pedagogical Practice.

¹Mestre em planejamento e políticas públicas pela Universidade Estadual do Ceará.

²Mestrado em Planejamento e Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará.

³Mestrando em Formação de Professores- Universidad Europea del Atlántico.

INTRODUÇÃO

O presente artigo destaca o lúdico como forma de auxiliar a aprendizagem das crianças e sua formação, tem como foco os jogos, os brinquedos e as brincadeiras, considerados recursos educativos de fundamental importância para o seu desenvolvimento.

A importância deste estudo é propiciar aos professores algumas informações sobre a utilização da ludicidade na Educação Infantil e oportunizá-los compreender o significado das atividades lúdicas como prática pedagógica e instrumentos facilitadores em seus projetos educativos.

A definição de brincar é flexível, tendo em vista as inúmeras possibilidades que essa atividade oferece ao educando, proporcionando o seu desenvolvimento físico, cognitivo e social. De acordo com Moyles (2006), a influência de utilizar o lúdico com a criança facilita o processo de ensino-aprendizagem favorecendo o desenvolvimento da criatividade, socialização, despertando o prazer, auxiliando no armazenamento de novos tipos de conhecimentos, trazendo a interação dela com o mundo.

Nesse entendimento, nas palavras de Friedmann (1996), a literatura sobre o tema vem crescendo no século atual, pois as discussões e opiniões baseadas em reflexões e hipóteses apontam que a ludicidade é assunto que tem conquistado espaço no panorama nacional, o jogo, a brincadeira e o brinquedo são a essência da infância, e utilizá-los permite um trabalho pedagógico que possibilite a produção do conhecimento, da aprendizagem e do desenvolvimento.

O interesse nesse assunto surgiu frente à necessidade de investigar a importância dos recursos lúdicos no processo de formação, desenvolvimento e da aprendizagem das crianças. Dispor de atividades como jogos, brinquedos e brincadeiras é fundamental para instrumentalizar a criança para a construção do seu conhecimento, formação e socialização.

O maior desafio do ensino-aprendizagem é fazer com que o educador descubra o conhecimento de uma forma diversificada e prazerosa, despertando a curiosidade e o interesse de aprender e fazer novas descobertas. Dessa forma, apontamos o seguinte questionamento, como trabalhar o lúdico nas práticas educativas sem descaracterizar sua essência?

Para tanto, esse estudo tem como objetivo geral ressaltar o trabalho com o lúdico de forma a verificar a criança no seu desenvolvimento cognitivo. Mas especificamente, analisar as finalidades da educação infantil em seus aspectos sociais e legais e destacar as atividades lúdicas como os jogos, brinquedos e brincadeiras não são somente passatempo, mas potenciais ferramentas indispensáveis para o desenvolvimento da percepção, da imaginação, da fantasia no processo de aprendizagem.

Para fundamentação do estudo tomou-se como base as concepções de alguns autores, dentre estes, Moyles (2006), Vygotsky (1991) e outros estudiosos que tratam do assunto. O procedimento metodológico traz uma pesquisa bibliográfica descritiva discorrendo sobre as finalidades da Educação Infantil em seus aspectos sociais e legais, em seguida, trata-se do lúdico e seu conceito, destacando as diferenças entre jogos e brincadeiras, a importância do brincar e do espaço físico bem como as experiências didáticas pedagógicas do lúdico na Educação Infantil.

AS FINALIDADES DA EDUCAÇÃO INFANTIL: ASPECTOS SOCIAIS E LEGAIS

A Educação Infantil tem por finalidade o desenvolvimento da criança em seus aspectos: físicos, sociais, cognitivos e afetivos emocionais, nos quais segundo Moyles (2006), é por meio das brincadeiras que ela supera as suas dificuldades de aprendizagem melhorando o seu relacionamento consigo mesmo e com os outros, além de proporcionar divertimento e prazer.

Essa visão é ressaltada por diversos estudiosos que numa descrição histórica influenciaram o fazer pedagógico ao longo dos anos. Dentre estes cabe destacar: Piaget (1975), Vygotsky (1991), Kishimoto (1997), e tantos outros.

A educação infantil é dividida em creches para crianças de zero a três anos e a pré-escola, para crianças de 4 a 5 anos. A educação infantil não é obrigatória, mas é um direito que o município tem obrigação de atender, pois é na creche ou pré-escola que as crianças irão se conhecer, vivenciar e respeitar a si e ao outro, e a desenvolver suas habilidades, resolver problemas e irão adquirindo experiências. É na educação infantil que muitas crianças se separam dos pais pela primeira vez, então já dão início a novas experiências.

Para Vygotsky (1991), a educação infantil em sua plenitude é o alicerce da aprendizagem, pois melhora o desempenho escolar futuro, socializa desde cedo e a criança é estimulada pela busca de conhecimento, aprende a conviver com as diferenças. Contudo,

muitas são as teorias surgidas ao longo da história sobre educação infantil, algumas se interessaram em descrever as crianças, sua natureza moral, suas inclinações comportamentais.

Estudiosos defendiam a ideia de que a educação para crianças de 0 a 6 anos de idade era uma forma de protegê-las das influências negativas preservando-lhe a inocência (*leitura moralista*); outros viam a educação como lugar onde se vivia em harmonia longe da exploração (*leitura idealista*); já outros viam a educação como meio de eliminar a preguiça e ociosidade das crianças pobres (*leitura determinista*) e assim por diante.

Oliveira (2000) dá uma visão histórica da educação infantil, informando que ela sempre foi preocupação entre os homens. No início era informal e só tornou formal e sistematizada a partir dos séculos XVI e XVII, com o surgimento do pragmatismo tecnicista, cuja preocupação era o aqui e o agora. A compreensão sobre a aprendizagem está relacionada que ela começa pelos sentidos a partir do manuseio com objetos, com coisas palpáveis e só depois é que nasce a capacidade de abstração.

Conforme Oliveira (2000), alguns autores destacam que a educação infantil deveria ocorrer num ambiente natural, sob um clima de disciplina estreita, mas amorosa. Essas linhas de concepções propõem a criação do jardim de infância como espaço ideal para práticas autogeradas pelos interesses e desejos da criança.

A concepção da pré-escola que chegou ao Brasil na década de 70, devido às influências europeias, é marcada pela desigualdade, tanto no que diz respeito ao acesso as formas de atendimento e quanto à qualidade do serviço, pois se restringiam à guarda e ao cuidado com a alimentação e higiene.

A pré-escola aparece, historicamente, como reflexo direto das grandes transformações sociais, econômicas e políticas que ocorrem na Europa – especialmente na França e Inglaterra – a partir do século XVIII. Eram as creches que surgiam como caráter assistencialista, visando afastar as crianças pobres do trabalho servil que o sistema capitalista em expansão lhes impunha, além de servirem como guardiãs de crianças órfãs e filhas de trabalhadores (ABROMOVAY & KRAMER 1985, p.32).

Nesse sentido, a pré-escola tinha como função precípua a guarda das crianças. As influências das teorias do desenvolvimento infantil e da psicanálise, por um lado, os estudos linguísticos e antropológicos, por outro, aliados a pesquisas que procuravam correlacionar linguagem e pensamento com rendimento escolar, determinaram a elaboração da abordagem da privação cultural.

A pré-escola passa a ter objetivos em si mesma, isentando-se de responsabilidade em relação à qualidade e aos seus objetivos. De uma forma geral, essas políticas públicas concebem uma criança universal, baseada num modelo de classe dominante, que vê a criança, especialmente das camadas populares, pelo que ela não é, discriminando sua cultura e negligenciando seus direitos como cidadã. (ABROMOVAY & KRAMER 1985, p.28).

Um marco na história do atendimento à criança no país foi a promulgação da nova constituição. Segundo Cruz (1996, p. 80) desde que entrou em vigor em 1988, “passou a assegurar a educação das crianças de zero a seis anos enquanto dever do estado, deixando claro que a creche deveria assumir também uma função educativa”. Segundo relato:

Hoje a educação infantil é compreendida no Brasil como o atendimento educacional de crianças de zero a seis anos de idade, em creches e pré-escolas, estando incluída na educação básica. Embora as iniciativas em torno do pré-escolar existam há mais de cem anos, somente nas últimas décadas o crescimento no atendimento tornou-se significativo. (SILVA, 1998, p. 41).

A valorização das crianças pela sociedade transforma os paradigmas de vida, porque podemos compreender a importância da necessidade de assegurar um futuro para a própria sociedade. Assim, Oliveira (2000) tem uma visão otimista e vê que no Brasil avança-se a passos largos rumo à mudança curricular da educação infantil. Ela cita a constituição de 1988 e os movimentos operários e feministas lutando por igualdade. Nisso vê a vontade política de se trabalhar para a constituição de cidadãos dentro de uma sociedade que se quer democrática.

654

Nos dias de hoje, em que a mulher assume cada vez mais atividades fora do lar, a inexistência de um número suficiente de instituições educacionais que se encarreguem de estimular e orientar as crianças é um dos problemas mais urgentes a serem resolvidos pelos nossos governantes, já que o mercado de trabalho atualmente exige cada vez mais indivíduos plenamente desenvolvidos. Considerando esses aspectos e, ainda, mais que os primeiros anos de vida são de fundamental importância para o desenvolvimento da criança, compreende-se o valor e necessidade da educação pré-escolar de boa qualidade. (OLIVEIRA, 2000, p. 18).

O Ministério da Educação e Cultura (MEC) tem divulgado documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), com uma proposta que não exige mudanças radicais, mas que proporcionam o surgimento de novas possibilidades educacionais e o Referencial Curricular Nacional para a Educação infantil (RCNEI) (BRASIL, 19998), que trata da educação das crianças pequenas.

Esses documentos são baseados em conhecimentos mais recentes acerca das necessidades das crianças e trazem mudanças fundamentais em relação às funções da

educação destinada ao pré-escolar, apontando para a redefinição do papel do atendimento dessa faixa etária (BRASIL, 1998).

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998), traz em seus preceitos sua natureza, objetivos, prioridades etc. É importante apontar que um dos princípios em que se baseiam as diretrizes deste documento é:

[...] A educação infantil é oferecida para, em complementação à ação da família, proporcionar condições adequadas de desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social da criança e promover a ampliação de suas experiências e conhecimentos, estimulando seu interesse pelo processo de transformação da natureza e pela convivência em sociedade. (BRASIL/RCNEI, 1998, p.15).

Coerentes com esse princípio, as diretrizes pedagógicas explicitadas nesse documento expressam novos conceitos de criança e de Educação Infantil. A criança é vista como um ser humano completo, capaz, social e histórico interagindo nas relações com o meio, estabelecendo dessa forma aspectos positivos para o seu desenvolvimento. Acredita-se, portanto, que a criança precisa conhecer um universo diferente onde existe convívio social intenso, onde se aprende compartilhar espaços e conhecimento, numa troca saudável e lúdica que permite descobertas e onde são construídos conceitos, valores para a vida toda, através de brinquedos, brincadeiras. Músicas, danças e muita alegria.

Nas diretrizes pedagógicas que aqui são explicitadas, a criança é concebida como um ser humano completo que, embora em processo de desenvolvimento e, portanto, depende do adulto para sua sobrevivência e crescimento, não é apenas um vir a ser. Ele é um ser ativo e capaz, motivado pela necessidade de ampliar seus conhecimentos e experiências e de alcançar progressivos graus de autonomia frente às condições de seu meio. (BRASIL, 1998 p.16).

Tratando-se de um fenômeno social, de acordo com Faria (1999), a educação deve unir conhecimentos e experiências e resgatar a criança e o professor enquanto seres humanos únicos e em sua totalidade real. A concepção de infância e a educação não se restringem à pedagogia ou à Psicologia. É um trabalho com multiprofissionais e interdisciplinares conciliando os saberes da pedagogia, da psicologia, da sociologia, da antropologia, da medicina e muitos outros profissionais da área.

Não existe uma única teoria que possa abranger a totalidade da infância assim como não encontraremos um único modelo metodológico, principalmente frente à diversidade sociocultural do país, o que requer uma multiplicidade de propostas que deem conta dessa diversidade. (FARIA, 1999, p.194)

Assim, não existem teoria e tendências pedagógicas na educação que possa ser construído e que dê conta da diversidade de experiências vividas em uma sala de aula. Isso gera insegurança e incerteza, mas faz surgir a possibilidade de um verdadeiro encontro

possibilitando a criação do conhecimento. Abrem-se novos espaços para reflexão, para troca e para a criação de um novo profissional de educação infantil.

Nesse sentido, são os profissionais da educação infantil que precisam aprender os meios, as metodologias e as didáticas necessárias para fazer com os educandos aprendem. A realidade dos profissionais dessa modalidade de ensino, que foi cultivada pelo descaso e incentivos negativos das políticas públicas, deixa muito a desejar, pois atualmente o que existe ainda, são “[...] muitos profissionais despreparados e sem formação, que construíram no dia a dia um saber-fazer carregados de experiências e contradições inerentes às práticas sociais” (BRASIL, 1998, p. 08).

O principal problema que os professores enfrentam na atualidade é a necessidade de renovar seus ensinamentos para se adaptarem às profundas mudanças do entorno social e aos conteúdos científicos em constantes mudanças. A formação permanente do corpo docente deve representar a constante disponibilidade de uma rede de comunicação que não deve se reduzir ao âmbito dos conteúdos acadêmicos, incluindo problemas metodológicos, pessoais e sociais, que continuamente se misturam com as situações de ensino.

Dessa maneira, Dhone (2003), o desenvolvimento de atividades lúdicas em sala de aula, traz prazer à criança desenvolvendo as suas potencialidades. Com os avanços tecnológicos o educador vem traçando novas metodologias de ensino, pois os métodos tradicionais não atraem mais a criança. É bem melhor e mais proveitoso ensinar a criança com jogos e brincadeiras, só assim despertará o interesse dela.

Os educadores com todas as dificuldades demonstram interesse em desenvolver essas atividades com ajuda de cursos de capacitação e orientações do planejamento. A criança quando brinca se engaja a esse mundo com alegria, vencendo desafios. As crianças nas séries iniciais que não superam suas dificuldades de aprendizagem ou emocionais, carregam pela vida um sentimento de frustração, sendo muitas vezes discriminadas por colegas e professores tornando-se relaxados com seu material não se relacionando bem consigo mesma criando sérios problemas de indisciplina em sala de aula.

Os educadores devem programar os conteúdos de acordo com os jogos desenvolvendo na criança a motricidade, a afetividade e o cognitivo, atendendo a necessidade do educando sujeito ativo do processo de ensino e aprendizagem. O educador deve ver a criança como um ser completo, mas inexperiente que precisa ser trabalhado proporcionando oportunidade de pleno desenvolvimento.

É preciso também que os educadores apresentem conteúdos utilizando os jogos e brincadeiras, transformando as aulas descritivas e monótonas em momentos de alegria e prazer. É seu dever estimular a criança a brincar, jogar, cantar, contar, pois a brincadeira faz parte da vida dela. No momento da brincadeira a criança interpreta diferentes papéis, assume responsabilidades e desenvolve atitudes de respeito e disciplina diante a vida em sociedade.

A criança brinca porque lhe dá prazer, além de estimular o intelecto, provoca desafios e permite experimentar possibilidades de diversas maneiras. Tanto as brincadeiras individuais, quanto as de grupo favorecem desenvolvimento cognitivo e afetivo, auxiliando no processo de ensino aprendizagem: os conteúdos apresentados em forma de jogos tornam as aulas atraentes, dinâmicas e muito mais produtiva. O reconhecimento dos jogos do passado constitui material importante para o conhecimento e a preservação de nossa cultura, embora os mesmos sofram constantes transformações.

A utilização de atividades com jogos dão prazer à criança, fazem parte da cultura infantil e servem de recursos pedagógicos, contribuindo para o desenvolvimento da inteligência e aprendizagem. Percebe-se que a criança de hoje brinca muito pouco e a televisão anuncia brinquedos incríveis, uma tentação para as crianças. Esses brinquedos que atraem é deixado de lado depois de serem manipulados por ela no máximo uma semana, pois a maioria dispensa a colaboração da criança funcionando por si mesmo tornando-o cansativo para ela.

A brincadeira somente acontece se tiver espaço que permite a criança expulsar a sua forma de pensamento, organizar, desorganizar, destruir, construir o mundo respeitando o seu espaço e o espaço do outro, podendo de modo simbólico manifestar seus sentimentos, vontades e fantasias.

BRINCAR: CONCEITO E EXPERIÊNCIAS DIDÁTICAS/PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O lúdico, segundo Kishimoto (2000), tem como significado brincar. São formas e maneiras diversificadas que a criança encontra de brincar com o mundo e consigo mesma. A ludicidade tem ganhado espaço no panorama nacional, principalmente na educação infantil, sendo o brinquedo um recurso indispensável na infância, seu uso permite um

trabalho pedagógico que possibilita a produção do conhecimento, da aprendizagem e do desenvolvimento da criança.

[...] O lúdico está distante da concepção ingênua de passatempo, brincadeira vulgar, diversão superficial. Ela é uma ação inerente na criança, no adolescente, no jovem e no adulto e aparece sempre como uma forma transacional em direção a algum conhecimento, que se redefine na elaboração constante do pensamento individual em permutações com o pensamento coletivo (ALMEIDA, 2000, p.13).

O lúdico é uma atividade que tem como característica ser voluntário, funcional e prazeroso, a atividade lúdica tem o objetivo de produzir prazer e se divertir ao mesmo tempo quem pratica esta atividade. Na atividade lúdica não interessa somente o resultado, mas a ação, a interação, o momento vivenciado. O lúdico acontece a partir do brinquedo, brincadeiras e jogos, é neste momento que a criança passa para o seu mundo da imaginação.

De acordo com Kishimoto (2000, p.37) “[...] o brinquedo educativo vem sendo entendido como um recurso que possibilita o desenvolvimento da criança, que ela aprende, se educa, e se desenvolve de forma prazerosa”.

Segundo a referida autora, o brinquedo tem as seguintes funções:

[...] função lúdica: o brinquedo propicia diversão, prazer e até desprazer quando escolhido voluntariamente; e função educativa: o brinquedo ensina qualquer coisa que complete o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e sua apreensão do mundo (KISHIMOTO, 2000, p. 37).

Na educação infantil, o lúdico admite que a criança tenha um desempenho frequente na sua educação, ajuda a criança no seu comportamento, desempenha papéis sociais quando brincam de papai e mamãe em suas representações, desenvolve sua criatividade, a imaginação, capacidade motora de raciocínio e coloca para fora seus medos, anseios e frustrações.

Para Dhone (2003) o lúdico na educação está longe de ser um passatempo, brincadeira e diversão superficial, algo que não seja sério e que não há aprendizagem e desenvolvimento. Dhone (2003), afirma que alguns pais se afligem quando seus filhos trazem para casa indícios de que brincaram na escola, sem se preocuparem em procurar saber se isto foi uma estratégia de ensino, ou prazeroso na vivência da criança.

Na educação infantil pode se trabalhar a ludicidade através de várias atividades como: jogos, músicas, histórias, dramatizações, danças e outras atividades que enriquecem o conhecimento da criança. A atividade lúdica é fundamental na vida da criança, pois ela possibilita a liberdade de ação, desperta a fantasia, quando a atividade não apresenta

significado para ela, é realizada com desprazer por não atender a necessidade que necessita naquele momento.

Para Vygotsky (1991), o lúdico possibilita a criança ter uma coordenação de si mesma, com autoconfiança para seu aprendizado. A criança com menos de três anos tem que viver e vivenciar o lúdico no seu desenvolvimento infantil. Ao entrar na fase escolar, o lúdico passa a ser uma forma de atividade. É na brincadeira que ela se comporta além do desempenho habitual de sua idade, além de seu comportamento diário. A criança vivencia uma experiência no brinquedo como se ela fosse maior do que é na realidade.

Para alguns autores as expressões, jogos, brincadeiras e brinquedos são usados como se fossem sinônimos. Para outros é através do brincar e jogar que a criança passa a modificar imaginariamente a realidade e o presente através do processo criativo.

Segundo Ferreira (2001, p.109), que “[...] o termo brincadeira significa ação de brincar, divertimento, entretenimento, passatempo um ato inofensivo e envolve os tradicionais esconde-esconde, ciranda, casinha e outros”. O significado do jogo vem acompanhado de atividades físicas ou mental fundada em sistema que define perdas e ganhos, passatempo, com regras e procedimentos, como nos jogos de tabuleiro ou de quadra.

Huizinga (1990) foi um dos grandes autores que mais investigou o assunto estudando o jogo em diversas culturas e línguas. Estudou suas aplicações na língua grega, chinês, japonês, línguas hebraicas, latim, inglês, alemão, holandês, entre outras, ele também examinou a origem da palavra em português, “jogo”; em francês “jeu”, em italiano, “gioco”; em espanhol “juico. Jogo advém de “jocus” (latim).

Huizinga (1990) apresenta uma definição para o jogo que inclui tanto as demonstrações de competição como as demais. O jogo é uma atividade de caráter espontâneo, praticado com determinados limites de tempo e espaço, seguindo regras que são livremente permitidas, mas absolutamente obrigatórias favorecidas de um fim em si mesmo, seguido de um sentido de alegria, tensão, medo e de uma consciência de ser diferente da vida diária.

Segundo Piaget (1975) é no decorrer do tempo, na vivência que se consegue formar uma definição para jogos, brinquedos e brincadeiras. É a maneira como cada um utiliza para nomear o seu brincar, porém a palavra jogo e a palavra brincadeira podem ser sinônimo de divertimento. Para este autor, os jogos não são apenas passatempo ou

entretenimento para gastar energia, mas meios que possibilitam e enriquecem o desenvolvimento intelectual.

Segundo Vygotsky (1991), o jogo acompanha o indivíduo como um recurso que constrói a zona de desenvolvimento proximal. Através do jogo a criança demonstra mais facilidade para resolver problemas que não resolveria numa situação da realidade ou aprendizagem formal. No brinquedo a criança comporta-se de maneira mais avançada do que é normalmente.

Os jogos e as brincadeiras têm conquistado espaço e se tornaram importantes no processo pedagógico, pois os conteúdos podem ser repassados por meio de atividades lúdicas. Para Brougère (2008), a brincadeira é reconhecida como uma atividade espontânea, onde a criança pode brincar livremente, sem limitações, não exigindo nada em troca. Segundo ele a criança deve ter liberdade para decidir as situações nas quais a brincadeira se desenvolve, caso contrário não é ela quem brinca.

Para o autor a brincadeira é definida como uma atividade que não se origina de nenhuma, obrigação a não ser o prazer, a alegria do brincar. O lúdico busca o prazer que a atividade proporciona. A brincadeira, é uma forma de a criança fugir do seu cotidiano, é através da brincadeira que a criança passa a viver em outro universo.

Kishimoto (2001) ressalta que a definição de jogo é complexa e envolve vários exemplos e práticas diárias na vida de uma criança. A citada autora garante que os termos jogo, brinquedo e brincadeira ainda não adquiriram uma definição no Brasil, pois são empregados de forma confusa, demonstrando um baixo nível de conceituação neste campo. Salienta que a imagem do jogo se constrói de forma diferente em cada contexto social.

Vygotsky (1991) define três fases em relação ao desenvolvimento do brincar na formação da criança, todos os quais com suas particularidades e aspectos cognitivos, motores, efetivos. Quando brincam ao mesmo tempo em que desenvolvem sua imaginação, as crianças podem construir relações entre elas e elaborar regras de organização e convivência. Vygotsky (1991) aprofundou suas pesquisas na ideia de que o indivíduo se constituiu como tal devido sua relação com o outro e reforça que, quando a criança brinca, ela recorda experiências, relembrando e construindo conhecimentos a cerca do mundo e dos outros com quem se mantém contato.

O citado autor salienta o valor da brincadeira como necessidade indispensável para o desenvolvimento de qualquer ser humano. Para Vygotsky (1991), o que proporciona

maior avanço na capacidade cognitiva da criança é a brincadeira. E por meio dela que a criança toma posse do mundo atual, domina conhecimentos, se relaciona e se integra culturalmente.

O espaço físico e sua organização são essenciais na educação infantil para o desenvolvimento integral da criança, desenvolver suas potencialidades e propor novas habilidades sejam elas motoras, cognitivas ou afetivas. Quando a criança passa a viver em um ambiente construído para ela e por ela, passa a viver emoções que a farão manifestar sua maneira de pensar, a maneira como vive e a relação com o mundo.

Segundo Lima (2001, p.16) “[...] O espaço é muito importante para a criança pequena, pois muitas das aprendizagens que ela realizará em seus primeiros anos de vida estão ligadas aos espaços disponíveis e acessíveis a ela”.

O espaço da escola deve ser seguro e deve favorecer a ampla circulação das crianças, tanto nas salas de aula, quanto no pátio, parquinho, banheiro e outros. É fundamental que as crianças conheçam o espaço e nele se movimentem livre e organizadamente. Na sala de aula as crianças precisam ter acesso direto aos materiais pedagógicos introduzidos e dispostos de forma organizada para possibilitar as explorações e atividades infantis.

A organização dos ambientes de educação e cuidados coletivos tem sido valorizada com a ideia de que o espaço é, na educação infantil, um elemento primordial, pois quanto mais ele estiver organizado, mais será desafiador e auxiliará na autonomia das crianças.

No entanto, é sabido que o espaço físico é um dos fatores que tem dificultado o trabalhado com a ludicidade, pois em muitas escolas as salas são pequenas e só cabem as mesinhas e cadeiras, não dando condições para as crianças se locomoverem de um lugar para outro, sendo obrigadas a brincarem com os jogos e brinquedos em cima da mesinha sem direito a interação com outros grupos.

Muitos prédios não estão adaptados para funcionarem como escola e esse fator dificulta para trabalhar com a ludicidade, salas muito próximas têm impedido a realização de algumas atividades lúdicas, devido o barulho que às vezes acontece durante algumas atividades, as salas serem muito próximas e incomodar as salas vizinhas.

Tem muitas escolas que não levam em consideração a importância do brinquedo para a criança. Os estudos demonstram a importância que os jogos e brincadeiras influenciam tanto na aprendizagem como no desenvolvimento do ser humano e, portanto, não podem ser desprezados pela escola.

Desse modo, Pinto e Lima (2000), sugerem algumas atividades com jogos em grupo, são uma forma de atividade muito indicada para estimular a atividade construtivista da criança e a sua vida social. São jogos que existem há bastante tempo, mas a importância educacional que as pessoas viam neles era muito limitada. Através da perspectiva piagetiana, eles foram redescobertos como um tipo de atividade que estimula o desenvolvimento da criança e o seu aprendizado.

De acordo com Pinto e Lima (2000), as crianças aprendem com mais facilidade através de jogos em grupos do que em muitas lições e folhas mimeografadas. As disciplinas podem ser ensinadas através do jogo, segundo a maneira piagetiana de se ensinar. Deve-se trabalhar com grupos pequenos de crianças, para que o professor possa acompanhar as reações de cada uma. A competição no jogo é um ponto muito importante, porque estimula na criança o desejo de cada vez melhorar e, por conseguinte, conseguir a vitória através de seus conhecimentos e habilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, com o objetivo de apresentar aos leitores a influência que os jogos e brincadeiras têm no desenvolvimento e formação da criança, essa pesquisa pode oportunizar informações relevantes de que o lúdico é um recurso pedagógico essencial para o desempenho infantil.

Dessa forma, concluímos conforme os autores, os jogos proporcionam ao educando aprenderem com facilidade, pois estimulam o desejo de cada vez melhorar e, por conseguinte conseguir a vitória por meio de seus conhecimentos e habilidades. Considerando os aspectos lúdicos e metodológicos das atividades apresentadas, percebe-se que há uma estreita relação entre a aprendizagem e o desenvolvimento, destas. As brincadeiras acontecem de forma espontânea, em sala de aula, requer que a criança se encontre e socialize-se com o grupo como forma de aprimorar seus conhecimentos. Basta um pequeno estímulo para que sua imaginação a leve para um mundo repleto de criatividade e movimento, expressando o seu interior.

Dentre as competências a serem construídas e desenvolvidas por um educador encontra-se a capacidade de desenvolver uma construção entre educador e educando propícia ao processo de ensino-aprendizagem.

Os educadores devem reconhecer o poder das atividades musicais, interativas,

cognitivas para o desenvolvimento cerebral e o conseqüente despertar do pensamento dos educandos. É dever do educador ajudá-los a resgatar valores, conquistas e aprendizado através de uma educação que envolva a música, aliada a uma técnica pedagógica desenvolvida pelo professor juntamente com a Coordenação escolar e os educandos.

É necessário, entretanto, que os educadores sejam ouvinte ou tenha apoio especializado para saber selecionar as músicas, jogos, atividades, objetos etc., que fazem parte da realidade de seus educandos, tanto para um conteúdo a ser trabalhado, quanto para ter argumentos para possíveis questionamentos dos educandos. A finalidade da aplicação do brincar não está somente na exploração do conteúdo, mas também para o enriquecimento de ideias, críticas e opiniões. A análise das letras, do próprio objeto utilizado, na sua construção pode ser feita a partir das análises com outras disciplinas.

Diante dos desafios e dificuldades em transformar as aulas em um momento de aprendizado e prazer, o brincar, através da musicalidade é um recurso capaz de despertar o senso crítico dos educandos, algo imprescindível à sua formação cidadã.

Assim, na conclusão desse trabalho, conforme dados ressaltados à luz dos autores, percebe-se que uma educação que busca favorecer a expressão lúdica e incorporar valores que diferem de uma formação séria, rígida e essencialmente técnica, depende de diversos fatores. Com a ampliação de conceitos de formação humana, a brincadeira, o homem, o trabalho, enfim, por parte de todos que se inserem na escola. .

A pesquisa realizada por meio de levantamento bibliográfico mostrou então, a importância das atividades lúdicas e a necessidade de ser usada em sala de aula, pois enquanto a criança brinca tem oportunidade de organizar seu mundo seguindo seus próprios passos.

Podemos concluir de modo geral que os educadores ainda não estão dando o valor necessário ao brincar livre da criança, mas cabe a eles possibilitarem e reconhecem a importância do uso de jogos e brincadeiras no processo de aprendizagem na educação infantil.

REFERÊNCIAS

ABROMOVAY, M. & KRAMER, S. **O Rei está nu**: um debate sobre as funções da pré-escola. Caderno CEDES, São Paulo, n. 9, 1985.

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação Lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. 10. ed. São Paulo: Loiola, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BROUGÉRE, G. **Brinquedo e cultura**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CHIZUKO, Yogi. **Aprendendo e brincando com jogos**. Vol. 2. Belo Horizonte: Ed. Fapi, 2003.

CRUZ, Silvia Helena Vieira. **Desenvolvimento e aprendizagem da criança**. Fortaleza; Seduc, 1996.

DHONE, Vânia. **Atividade lúdica na alfabetização: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

FARIA, A. L. G. **Educação pré-escolar e cultura**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, São Paulo: Cortez, 1999.

FRIEDMANN, Adriana. **A arte de brincar**. Petrópolis: Vozes, 1996.

KRAMER, S. Currículo de educação infantil e formação dos profissionais de creche e pré-escola. In: **Por uma política de formação profissional de educação infantil**. MEC/SEF/COEDI, 1994.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 1. ed. **Jogo brinquedo, brincadeira e educação**. 7. ed. São Paulo: Vozes, 2001.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 1997.

_____. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Brinquedos e materiais pedagógicos nas escolas Infantis**. São Paulo: Educação e pesquisa, 2001.

LIMA, Elvira de Souza. **Como a criança pequena se desenvolve**. São Paulo: sobradinho, 2001.

MOYLES, Janet R. **Só Brincar.?** O papel do brincar na Educação infantil. 3. ed. Porto alegre: Artmed, editora, 2006.

OLIVEIRA, Zilma M. Ramos de (Org.). **Educação infantil: muitos olhares**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PINTO, Gherusa Rodrigues.; LIMA, Regina Célia Villaça. **O dia a dia do professor**. Minas Gerais: Editora Fapi Ltda, vol, 2, 2000.

SILVA, L. S. P. Os jogos infantis no currículo da pré-escola e seus aspectos culturais. **Revista Psicopedagogia**. Vol. 18, nº 53. p. 48. São Paulo: ABPp, 1998.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.